

[Brasil](#)

Le Monde chama a atenção para a alta mortalidade de crianças por Covid-19 no Brasil

Publicado em: 29/05/2021 - 15:37

Texto por: RFI 5 min

O site do jornal francês *Le Monde* traz, neste sábado (29), uma reportagem sobre os altos números de mortalidade de crianças no Brasil por conta da Covid-19. Desde o início da pandemia, mais de 2.800 crianças menores de 10 anos morreram de Covid-19 no Brasil. Destas, mais da metade tinha menos de 1 ano de idade. Os dados são da ONG Vital Strategies.

Esses números assustadores, diz *Le Monde*, não podem ser comparados com os de nenhum outro país do mundo onde existem dados sobre o assunto (na França, por exemplo, apenas 13 crianças e adolescentes menores de 19 anos morreram de Covid-19). Acima de tudo, são dois a três maiores do que os divulgados pelo Ministério da Saúde.

O motivo é que os dados da ONG Vital Strategies incluem crianças que morreram de dificuldade respiratória aguda de causas desconhecidas, na maioria das vezes o resultado de Covid-19 não diagnosticada. “Mas os números reais são indiscutivelmente ainda mais importantes. A subnotificação é imensa”, diz Fátima Marinho, epidemiologista que coordenou o estudo, em entrevista ao *Le Monde*.

Isso causou um rebuliço no Brasil, já devastado pela epidemia (459 mil vítimas no total), onde, como em outros lugares, os mais jovens não são considerados vulneráveis.

“Desde o início, essa retórica foi definida ao dizer que a Covid só mata os idosos. Está errado. **A mortalidade é muito alta em todas as faixas etárias e até entre as crianças**”, insiste Fátima Marinho.

Em pessoas mais jovens, no entanto, os sintomas diferem daqueles dos adultos. “As crianças sofrem com tosse, problemas respiratórios, mas também com muito vômito, diarreia e dores abdominais...”, observa o pediatra Ricardo Chaves, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. “Mais raramente, alguns morrem dos efeitos da chamada síndrome 'PIMS' [para síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica]: uma inflamação generalizada dos órgãos que afeta algumas crianças e pode ocorrer várias semanas após a infecção por Covid”, acrescenta o médico.

Uma evolução "rara" em direção à morte

No Brasil, diz o texto, todos se perguntam sobre a influência da variante P1 no drama infantil. Esta última, mais contagiosa, responsável pela maioria das infecções, também é suspeita de ser mais letal. “Essa nova cepa gera uma carga viral maior. Crianças com comorbidades - câncer, asma, diabetes etc. - têm, portanto, maior probabilidade de desenvolver formas graves e sucumbir ao vírus”, afirma Fátima Marinho.

Mas, sobre o assunto, as opiniões estão divididas “Nenhum estudo ainda mostra que a P1 é mais agressiva contra os mais novos. Crianças doentes, mesmo bebês com comorbidades e infectados com a variante, geralmente não desenvolvem formas graves e sua condição muito raramente evolui para a morte”, disse Marcelo Otsuka, vice-presidente do Departamento de Infectologia da Sociedade de Pediatria de São Paulo.

O especialista se baseia em outro estudo recente, publicado pela National Pediatric Society. “As pessoas de 0 a 19 anos representam 25% da população brasileira, mas em 2020 eram responsáveis apenas por 2,46% das internações e 0,62% das mortes ligadas à Covid”, explica Otsuka.

Esses indicadores também tenderam a melhorar durante os dois primeiros meses de 2021, apesar da disseminação da variante P1 (1,79% para internações e 0,39% para óbitos).

Falha na atenção primária

Para explicar a morte de tantas crianças no Brasil, os cientistas avançaram com outras explicações. A primeira estaria relacionada ao mau estado crônico do sistema de saúde e, em particular, da atenção primária. De acordo com as Nações Unidas, 14 em cada 1.000 crianças morrem, em média, no Brasil antes do quinto aniversário: o dobro da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

“Crianças de comunidades negras e indígenas, em áreas rurais ou favelas, são particularmente afetadas. Nessas populações, a exposição ao vírus é muito alta, a doença se espalha rapidamente e as comorbidades em crianças são mais importantes. O atendimento no hospital público é tardio e muito precário. Daí uma mortalidade altíssima”, explica Francisco Ivanildo Oliveira, infectologista do hospital infantil de Sabará (SP).

A tendência não deve melhorar. Após uma breve calmaria, os indicadores brasileiros voltaram ao vermelho. Embora apenas 10% da população tenha recebido até agora uma dose dupla da vacina, os especialistas prevêm até 300.000 mortes a mais até o final de agosto. Um verdadeiro massacre, crava o jornal francês.

“O relaxamento geral dos controles e o distanciamento social podem contribuir para o surgimento de novas mutações no vírus”, teme Paulo Ricardo Martins Filho, epidemiologista-chefe da Universidade Federal de Sergipe.